A INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FORMAÇÃO MÉDICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

THE INTEGRATION OF ENVIRONMENTAL EDUCATION IN MEDICAL TRAINING: AN EXPERIENCE REPORT ON UNIVERSITY EXTENSION PROJECTS

Kaya Bezerra Baba[1], Ana Vitória Cruz Coelho[1], Gabrielly Campos Ribeiro Borba[1], Mariana Ribeiro Sousa Siqueira Campos[1], Isadora Monteiro Crizanto De Queiroz[1], Mateus Lucena Pacheco[1], João Victor Medeiros Carvalho[1], Lucas Rodrigues Pereira Álvares Montes[1], Luís Fernando Castagnino Sesti[2].

1. Acadêmico do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas de Palmas - Afya; **2.** Professor do curso de Educação Ambiental da Faculdade de Ciências Médicas de Palmas - Afya. E-mail: luis.sesti@afya.com.br

Eixo Temático: Sociedade, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

RESUMO

A inserção da educação ambiental no currículo médico é uma estratégia fundamental para a consolidação da saúde coletiva e para o entendimento dos determinantes socioambientais no processo saúde-doença. O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por acadêmicos de Medicina na concepção e execução de múltiplos projetos de extensão vinculados à disciplina de Educação Ambiental e Saúde, realizados no primeiro semestre letivo. A metodologia baseou-se em intervenções ativas na comunidade e no próprio ambiente universitário, divididas em quatro eixos principais de atuação: o circuito de gamificação "Missão Saúde", com foco na prevenção da dengue, separação de lixo e descarte de medicamentos; a oficina "Projeto Recriar", focada na transformação de resíduos sólidos em brinquedos sustentáveis; intervenções expositivo-dialogadas sobre consumo consciente; e a campanha institucional "Tampinha Solidária", que uniu reciclagem à responsabilidade social no apoio oncológico infantil. A execução dos projetos demonstrou alta eficácia no engajamento do público-alvo — predominantemente escolares do ensino fundamental —, promovendo a translação do conhecimento científico para práticas cotidianas. Conclui-se que o desenvolvimento dessas ações extensionistas impactou profundamente a formação dos futuros médicos, fomentando competências como comunicação em saúde, empatia, liderança e uma visão crítica sobre o papel do médico como agente de transformação socioambiental na comunidade.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Saúde Coletiva. Estudantes de Medicina. Projetos de Extensão. Promoção da Saúde.

ABSTRACT

The inclusion of environmental education in the medical curriculum is a fundamental strategy for the consolidation of collective health and for understanding the socio-environmental determinants of the health-disease process. This study aims to report the experience of medical students in designing and executing multiple extension projects linked to the Environmental Education and Health course, carried out in the first academic semester. The methodology was based on active interventions in the community and within the university environment, divided into four main axes: the gamified circuit "Mission Health", focusing on dengue prevention, waste separation, and medication disposal; the "Recreate Project" workshop, focused on transforming solid waste into sustainable toys; expository-dialogued interventions on conscious consumption; and the institutional campaign "Solidarity Caps", which combined recycling with social responsibility in supporting pediatric oncology. The execution of the projects demonstrated high efficacy in engaging the target audience — predominantly elementary school students — promoting the translation of scientific knowledge into daily practices. It is concluded that the development of these extension actions deeply impacted the training of future doctors, fostering skills such as health communication, empathy, leadership, and a critical view on the physician's role as an agent of socio-environmental transformation in the community.

Keywords: Environmental Education. Public Health. Medical Students. Extension Projects. Health Promotion.

INTRODUÇÃO

A saúde humana é indissociável da qualidade dos ecossistemas em que as populações estão inseridas. Sob a perspectiva ampliada da saúde coletiva e do conceito de *One Health* (Saúde Única), os determinantes ambientais, sociais e comportamentais desempenham papéis decisivos na morbimortalidade global.[1] Problemas estruturais urbanos, como o descarte inadequado de resíduos sólidos e medicamentos, o consumismo exacerbado e o acúmulo de recipientes propícios à proliferação de vetores, estão diretamente correlacionados ao aumento da incidência de doenças infectocontagiosas crônicas e agudas, a exemplo das arboviroses que historicamente sobrecarregam o sistema de saúde brasileiro.[2]

Neste contexto, a formação médica contemporânea exige uma superação do modelo estritamente biomédico. Diretrizes nacionais e internacionais apontam para a necessidade de formar profissionais que, além do domínio técnico-científico, compreendam o paciente em sua totalidade ecológica e social, atuando proativamente na promoção e prevenção da saúde.3 A disciplina eletiva de Educação Ambiental e Saúde, ofertada na matriz curricular do curso de Medicina, surge como um vetor essencial para preencher essa lacuna, proporcionando aos discentes a oportunidade de articular saberes teóricos à realidade comunitária.

A extensão universitária, estruturada como uma ponte dialógica entre a academia e a sociedade, constitui a ferramenta metodológica ideal para a materialização dessa aprendizagem. Intervenções pedagógicas fundamentadas em metodologias ativas, que posicionam a comunidade não apenas como receptora de informações, mas como agente construtor do próprio conhecimento, demonstram superioridade na retenção de conceitos e na indução de mudanças comportamentais de longo prazo, sobretudo quando iniciadas na infância.4

A relevância desta experiência sustenta-se na constatação de que a mitigação de agravos como a dengue ou as intoxicações ambientais por fármacos perpassa, obrigatoriamente, por uma forte base educativa comunitária. Sendo assim, a inserção precoce de acadêmicos de Medicina no planejamento e condução de ações de educação ambiental fomenta o desenvolvimento de competências comunicativas, empatia e compromisso social, atributos indispensáveis ao exercício da medicina contemporânea.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por acadêmicos de Medicina na concepção, planejamento e execução de um conjunto de projetos de extensão vinculados à disciplina de Educação Ambiental e Saúde,

analisando o impacto dessas ações tanto nas comunidades assistidas quanto na formação cidadã e profissional dos discentes envolvidos.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As atividades de extensão descritas neste relato foram desenvolvidas durante o primeiro semestre letivo, no município de Palmas, Tocantins, por acadêmicos do curso de Medicina da instituição Afya. A metodologia operacional foi pautada na estruturação de subprojetos temáticos, permitindo que diferentes grupos de estudantes planejassem ações direcionadas a públicos e demandas ambientais específicas. A execução mobilizou parcerias com instituições de ensino básico da rede local (Colégio Madre Clélia Merloni e Colégio Selletus) e envolveu ativamente o ambiente acadêmico da própria faculdade.

A primeira frente de atuação, intitulada "Missão Saúde: Educação Ambiental e Educação em Saúde", foi desenhada sob a forma de uma gincana interativa direcionada a crianças do 4o ano do ensino fundamental. Baseada em evidências que comprovam que a gamificação amplia significativamente a absorção cognitiva em faixas etárias escolares, o projeto estruturou-se em três estações simultâneas. Na estação de separação de lixo, modelos lúdicos de lixeiras ecológicas foram utilizados para simular a classificação de resíduos, desconstruindo a visão do lixo apenas como rejeito. A segunda estação focou no combate ao Aedes aegypti, onde os acadêmicos recriaram cenários de acúmulo hídrico intra e peridomiciliar, desafiando as crianças a identificarem e eliminarem os focos vetoriais, traduzindo o ciclo epidemiológico da doença para uma linguagem tangível e aplicável. A terceira estação introduziu uma temática inovadora na educação básica: o descarte adequado de medicamentos. Através de uma simulação de "caça aos remédios" no meio de resíduos comuns, os escolares foram conscientizados sobre os riscos da contaminação do solo e dos recursos hídricos por resíduos farmacêuticos e o consequente impacto na flora, fauna e saúde humana.

A segunda frente, nomeada "Projeto Recriar: Brincar Sustentável", ocorreu no formato de oficinas práticas com estudantes do 5o ano do ensino fundamental. Sob a premissa teórica de que o reaproveitamento de materiais estimula o senso de responsabilidade sobre o consumo, a intervenção guiou as crianças na transformação de sucatas (papelão, garrafas PET e tampinhas) em brinquedos tradicionais, como tabuleiros de damas, boliche e jogos da memória. Os acadêmicos de Medicina atuaram como facilitadores do processo criativo, aproveitando o momento lúdico para reforçar conceitos de sustentabilidade e proteção ambiental como mecanismos de prevenção primária de doenças.

Complementarmente, a terceira frente de atuação extrapolou o viés unicamente lúdico e apostou na reflexão crítica sobre o consumo consciente. Executada com turmas de Ensino Fundamental no Colégio Selletus, a intervenção iniciou com exposições dialogadas sobre o impacto das ações antrópicas nos ecossistemas locais e globais, seguida por dinâmicas de grupo onde os próprios alunos foram instigados a propor soluções sustentáveis aplicáveis às suas rotinas domiciliares, culminando na confecção conjunta de cartazes educativos para afixação na infraestrutura escolar.

Por fim, a quarta frente de atuação — o "Projeto Tampinha Solidária" — foi implantada de forma contínua no próprio ambiente da Faculdade de Ciências Médicas. Com foco em toda a comunidade acadêmica (discentes, docentes e colaboradores), a ação consistiu na criação de uma rede logística de recolhimento de tampas plásticas para doação ao Hospital de Amor. Essa iniciativa demonstrou elevada capacidade de integração transversal, ao transformar uma atitude de mitigação de passivo ambiental (reciclagem de plástico de alta durabilidade) em um mecanismo direto de fomento financeiro para a manutenção de unidades de tratamento oncológico infantil. A gestão dos ecopontos e o monitoramento das metas de arrecadação ficaram sob inteira responsabilidade dos acadêmicos.

O processo de avaliação da experiência revelou que o desenho diversificado das intervenções exigiu dos estudantes de Medicina a mobilização de múltiplas habilidades inter-relacionais. A necessidade de transpor o jargão biomédico e a fisiopatologia para uma linguagem acessível e cativante para crianças de 9 a 11 anos atuou como um exercício intensivo de letramento em saúde. Adicionalmente, o planejamento logístico das ações, a confecção de materiais de baixo custo e a coordenação de dinâmicas em grupo fomentaram habilidades de liderança e gestão de tempo entre os futuros profissionais.

CONCLUSÃO

A experiência proporcionada pela disciplina de Educação Ambiental e Saúde demonstrou que a integração entre currículo médico e projetos de extensão ambiental produz resultados substanciais tanto para as comunidades envolvidas quanto para os discentes. Para o público escolar, as intervenções lúdicas e gamificadas — Missão Saúde, Projeto Recriar e Práticas de Consumo Consciente — provaram ser estratégias de alta efetividade para a internalização de comportamentos preventivos e sustentáveis, desmitificando temas complexos como descarte de fármacos e ecologia de vetores.

Para o corpo discente, o impacto pedagógico foi transformador. Ao abandonar temporariamente o ambiente clínico tradicional para atuar no território, os estudantes puderam

vivenciar a práxis da atenção primária e a importância da educação comunitária como ferramenta terapêutica profilática. O desenvolvimento de projetos como o Tampinha Solidária evidenciou, na prática, que a sustentabilidade e a responsabilidade social caminham juntas na consolidação de sistemas de saúde mais resilientes.

Conclui-se que o incentivo sistemático a disciplinas e atividades extensionistas voltadas ao meio ambiente é indispensável na matriz médica. A formação de um médico de excelência contemporâneo demanda a compreensão de que não há saúde humana sustentável sem um ambiente ecologicamente equilibrado. Como perspectiva futura, recomenda-se a expansão longitudinal desses projetos, visando garantir a perenidade das ações nas escolas parceiras e consolidar a Faculdade de Ciências Médicas como um polo ativo de disseminação de práticas socioambientais na região de Palmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. World Health Organization. Environmental health and sustainability [Internet]. Geneva: WHO; 2024 [citado em 2026 ago 28]. Disponível em: https://www.who.int.
2. Brasil. Ministério do Meio Ambiente. Educação Ambiental: princípios e práticas. Brasília: MMA, 2018.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
4. Leff E. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
5. World Health Organization. Vector-borne diseases and community engagement. Geneva: WHO, 2020.
6. Brasil. Lei no 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Diário Oficial da União, Brasília, 2010.
7. Brasil. Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Diário Oficial da União, Brasília, 1999.